



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**NILTON SANTOS DE ATHAYDE  
(depoimento)**

**2011**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-219

**Entrevistado:** Nilton Santos de Athayde

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Estádio Coelhão, Guaíba

**Entrevistadores:** Carine Fraga Feijó

**Data da entrevista:** 21/08/2011

**Transcrição:** Carine Fraga Feijó

**Conferência Fidelidade:** Letícia Baldasso Moraes

**Copidesque:** Letícia Baldasso Moraes

**Pesquisa:** Carine Fraga Feijó

**Total de gravação:** 8:44 min.

**Páginas Digitadas:** 4

**Registro:** Ivone Job

### Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

ATHAYDE, Nilton Santos de. *Nilton Santos de Athayde (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

## **SUMÁRIO**

Nilton nos conta o início do seu envolvimento com o futebol; o surgimento do Black Show; o surgimento do time feminino do Black Show tanto de futsal quanto de futebol de campo; as diferenças de treinar um time de mulheres e os problemas para a manutenção do time.

Porto Alegre, 21 de agosto de 2011. Entrevista com Nilton Santos de Athayde, a cargo da pesquisadora Carine Fraga Feijó para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memórias do Esporte

C.F. - Athayde, qual a tua história no futebol?

N.A. - A minha história no futebol... [riso] [buzina] Bom... Eu servi na base aérea, no momento em que saí da base aérea, que passei para escola sargento mas não fui. Acho que fiquei mais ou menos cinco anos parado. Acho que eu tinha uma tendência de lidar com o pessoal. A minha vontade era ter iniciado a carreira militar, como eu não fui, comecei a me interessar pelo futebol, lidar com o pessoal, e foi indo. 1º de Maio de 1985 fundamos o time, fomos brincando, brincando e evoluiu [riso]. Dediquei-me e gosto, porque trabalha com futebol quem gosta.

C.F. - E o Black Show como começou?

N.A. - O Black Show começou exatamente quando nos reunimos uma vez, familiares jogando, fomos fazer um joguinho, então eu disse: “sabe de uma coisa? Vou montar meu time.” Onde surgiu... só parente. Começamos a jogar. Eu jogava, jogo até hoje de vez em quando para brincar. Foi quando surgiu o Black Show que eu fundei, eu disse “vou colocar 1º de maio, dia do trabalhador” [risos]. Que trabalhava e tenho o futebol como uma diversão, não é para briga nem nada.

C.F. - Conta para nós, como é a rotina administrativa do Black Show, inscrições, pagamentos e recursos?

N.A. - Está uma dificuldade. Quando eu iniciei, começamos fazendo que quem podia pagava para comprar materiais esportivos. Então fomos fazendo isso com várias pessoas. Os pais alguns pagavam e davam, fomos juntando, agora tenho um convênio com a prefeitura, mas é pouco. Depois que a gente começa a estar com esses novos projetos para ver se conseguimos nos organizar melhor. Porque está difícil a manutenção. Ainda bem que com essas novas leis<sup>1</sup> vamos conseguir nos estruturar e fazer um bom trabalho. E sobre as inscrições, eu trabalho gratuitamente, praticamente.

---

<sup>1</sup> Leis de Incentivo ao Esporte: Estaduais e Federais

Agora vamos começar a sub-17<sup>2</sup> a partir da semana que vem, dar uma sequência boa, duas, três vezes por semana, para poder se estruturar e estar bem para o ano que vem estar bem organizado.

C.F. - E quais são as dificuldades para manter a equipe Black Show? Participando de competições, jogando...

N.A. - A falta de patrocínio. Ele faz uma falta “tremenda”. Esse é um dos motivos, se não poderíamos inclusive, dar uma assistência melhor para elas. Mas a falta de patrocínio é o fundamental. Podemos ter boa vontade, mas se não tiver o recurso apropriado até para tratar bem. Porque futebol é evolução se não fica...

C.F. - Conta um pouco da história do Black Show, equipe feminina.

N.A.- A equipe feminina começou em 1989, mais pela pressão da minha filha, minha filha começou: “pai, coloca o time feminino, coloca o time feminino!”, eu disse “não, não, não”. Aí foi indo, foi que ela conseguiu [riso]. Comecei a treinar com elas, treinava mais os guris, treinei elas um ano, bem certinho, duas, três vezes por semana aqui mesmo no ginásio Coelhão. Então eu fazia esse trabalho e foi por causa disso que fui me incentivando. Elas começaram a se dedicar, no início foi difícil, comecei a colocar em uns treinos, depois de um ano bem certinho de treinamento, só tiravam vice, vice, vice... Eu disse: “Agora chegou de vice [risos]”. Começamos a participar de campeonatos, entrávamos em torneios, começamos a participar de campeonatos em Porto Alegre, até série ouro já fomos campeões em Canoas. O primeiro campeonato que participamos foi a Copa Ajax, já foram campeãs, goleira menos vazadas, trouxemos tudo [risos]. E ali me identifiquei bem com elas e ficou mais fácil de lidar com time feminino que adulto. No início eu praticamente não queria porque dava muito trabalho, dá um trabalho tremendo. [estou dando uma entrevista]

C.F. - E seria mais fácil manter a equipe se não fosse feminina?

N.A. – Não. É a mesma coisa. A equipe feminina só temos um problema que é... como se diz... como posso explicar melhor... problemas de treinamento. Para campo principalmente. O que pretendemos é ter uma estrutura que estou batalhando já há um

---

<sup>2</sup> Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino Sub-17

tempo para fazer em vários turnos. Quando uma não treina de manhã porque tem estudo... Esse é um dos grandes problemas que temos aqui em Guaíba, por causa do deslocamento. Tem muitas meninas que trazemos dos bairros e colégios para ver se conseguimos montar uma equipe mais homogênea, mas tem que ser um trabalho mais longo.

C.F. - E tem alguma diferença em trabalhar com mulher?

N.A. - Com certeza, tem. Tem que, saber trabalhar com a mulher, porque ela é mais delicada, tem que saber como falar, tem que cobrar, mas às vezes não tem, tem horas que não pode cobrar, tem que ter meio termo. Tem que ser pai, psicólogo, tudo. [risos]. Mas é bom, depois que elas entendem são companheiras.

C.F. - A equipe está desde 1989 o futsal. E o campo?

N.A. - O campo começou no primeiro ano que coloquei em um campeonato.

C.F. - O Campeonato Metropolitano<sup>3</sup>? 2008

N.A. - 2008, isso.

C.F. - Montaram o time para participar desse campeonato?

N.A. - Exato. Por causa das gurias mesmo, começaram a falar “vamos colocar, vamos colocar”. Eu até então, só queria salão. Mas enfim, no campo estão gostando.

C.F. - O que o Black Show já conseguiu e o que tu almejas para o Black Show?

N.A. - Eu almejo um patrocínio grande, que estamos batalhando, já está tudo à mão. Inclusive é lei. Já estamos organizados, é a única coisa que precisamos: um patrocínio bom. Quando tiver um patrocínio bom, vamos mais longe.

C.F. - E quanto a campeonatos?

N.A. - Sim, para poder participar dos campeonatos e ir mais longe.

---

<sup>3</sup> 1º Campeonato Metropolitano de Futebol Feminino - 2008

C.F. - Tem algum título que está querendo, o que pretende, qual o objetivo?

N.A.- Eu quero ser campeão de novo e quero disputar da Copa do Brasil, de novo, ano que vem, se Deus quiser. Estamos nos estruturando para isso, ainda quero participar da Copa do Brasil novamente. Se classificar e ser campeão Gaúcho. Mas quando esse horário mudar tem que ser final de semana, só final de semana Copa do Brasil. Copa do Brasil meio de semana é um absurdo.

C.F. - Por quê?

N.A. - Não tem como, já é uma dificuldade ter patrocínio para final de semana, já viu meio de semana, jogar meio de semana? Quem é que vai olhar jogo feminino no meio de semana? Não tem como desenvolver o futebol feminino no meio de semana. Vai ser sempre uma minoria, dois, três, quatro times jogando, acho que tem que abranger todas. Toda comunidade.

[FINAL DO DEPOIMENTO]